

CONVERSA DE JARDIM

© Moinhos, 2018.
© Maria Valéria Rezende, 2018.
© Roberto Menezes da Silva, 2018.

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:
Sérgio Ricardo

Revisão:
Eduardo Sabino

Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Editorial

Capa:
Igor Tadeu

1ª edição, Belo Horizonte, 2018.

*Nesta edição, não respeitou-se, tanto, o
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa,
mas, sim, a vontade da autora e do autor.*

R467c
Rezende, Maria Valéria; Silva, Roberto Menezes da | Conversa de Jardim

ISBN 978-85-92579-76-0

CDD 869.3

Índices para catálogo sistemático

1. Ficção 2. Conversa de Jarim I. Título

Belo Horizonte:
Editora Moinhos
2017 | 108 p.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Moinhos — Belo Horizonte — MG
editoramoinhos.com.br
contato@editoramoinhos.com.br

Conversa de Jardim

Maria Valéria Rezende

✉

Roberto Menezes da Silva



para Alfredo Monte

I – ISTO NÃO É UMA BIOGRAFIA

Enfim, um começo.

Valéria, nem lembro quantas vezes a gente já sentou pra ter essa conversa, e quem diria que só agora que veio a ideia de pôr a essência dela no papel, “Nem me fale, já perdi a conta, nem sei direito mais o que disse”, Tantas vezes já, pior, bateu um estranhamento quando comecei a transcrever, é porque não sei exatamente te dizer em qual dessas conversas a gente tá agora, “E precisa saber?”, Precisar não precisa, mas a gente sempre quer ter o domínio de tudo, “Relaxe, deixe ver onde vai dar. Só me situe, quando você começou a gravar essas conversas?”, Dois mil e catorze, agosto, foi a primeira vez, e a última, junho de dois mil e dezessete, “Então, pelo menos dentro desse intervalo, a gente tem certeza que está”, Pensando bem, a gente provavelmente nunca vai estar vivenciando um só momento dessa timeline, “É claro que não, o que vai sair aqui vai ser o apanhado de todas as nossas conversas, cada uma contribuiu pra que”, Isso, uma nuvem de começos e começos, repetições, o caldo da cana que passou várias vezes pela máquina, se é de tarde ou se é de manhã, não faz diferença, “Viajantes no tempo. Ah, e vou poder me guiar pela minha catarata pra saber em que parte desses três anos eu vou estar. De lá pra cá, ela avançou muito sobre o meu olho que ainda enxerga”, Doidice isso, “Você é doidinho mesmo. Vou confiar em você como piloto dessas viagens”, Não sei se vai dar certo, mas assim com certeza é melhor do que a opção óbvia de querer transcrever as conversas por data, “Não daria certo”, Não mesmo, “É mais legal que seja assim, como a minha vida, cheia de curva, vai pra frente, volta pra trás, não é uma vida planejada, uma carreira arrumadinha. Nada disso”.

Três anos de conversa, muita coisa mudou ou vai mudar e eu, “Não faz diferença, menino, três anos. Pra mim não muda a correria, os problemas não erraram o endereço daqui de casa nesse tempo. Problemas novos não param de aparecer. Os velhos sempre voltam sem avisar”, Problema, parente, multa de trânsito, não teve uma vez que um desses ligou antes pra saber se eu tava em casa, “Se quiser, leve uns dos meus problemas pra você”, Dependendo a gente faz escambo, eita, já pensou se existisse uma feira de troca de velhos problemas?, “Não, não quero problemas dos outros. Melhor eu com os meus, que já conheço bem”.

Mas então, quatro da tarde, dez da manhã, sei lá de hora, bora nessa, cortar esse pedaço da linha do tempo, entre dois mil e catorze e dois mil e dezessete, emaranhar, fazer um novelo, aí é só a gente se embrenhar dentro dessa sobreposição de épocas, vai ser fácil se acostumar, “Vai ser sopa. Sou escritora. Só o que faço é viajar no tempo. E vamos mais além, aumentar a confusão. Vamos confundir não só o tempo, vez ou outra, vamos confundir nossas falas também”, Como assim?, “Sem complicação, veja só, vi que você seguiu um esquema na construção do diálogo. Me diz se entendi: tudo o que é fala minha fica entre aspas. Acertei?”, Correto, e eu fico fora delas, “Só não captei a razão de você só pontuar com vírgula. Não precisava. Já está subentendido que tudo o que está fora das aspas é você falando”, Pois, é frescura sem motivo, talvez mais pra frente eu invente um, “E então, essa conversa não é pra ser um duelo ou um debate. Vamos fazer assim. Tenha a liberdade de bulir no que falei, sem ressalva. Eu, quando arrumar um tempo nessa agitação da minha vida, vou me divertir fazendo o mesmo. Sem essa de Beto aqui e Valéria ali. Duas vozes, sim. Mas é natural e é até bom que essas duas vozes, aqui ou ali, se confundam. Uma conversa a quatro mãos embaralhadas”, Duas bocas tagarelas e hiperativas, quem tá lendo isso deve tá achando é engraçado, pensando onde a gente vai parar, Valéria, já te falaram que você é uma excelente inventadeira de moda?

“Café ou chá?”, Precisava nem perguntar.

“Aqui fora é bem agradável. Ia perguntar por onde começar, mas a conversa já decolou faz tempo”, Conversa fiada, “Que continue assim, dois amigos batendo papo, você foi gravando gravando gravando. Conversa solta”, Quando eu era pirralho, ficava imaginando o que dois escritores conversavam quando se encontravam, eu imaginava seres tão, tão, falando nisso, quando leio essas cartas trocadas por escritores meio que me soam artificiais, sabe?, como se eles escrevessem sabendo que aquilo viria a ser publicado e lido no futuro, bora tentar fugir desse clima cerimonioso, “Se for pra ter cerimônia, melhor nem ter conversa”, Se meia dúzia ler essa conversa fiada já tá bom.

“Ah, Betinho, antes que eu me esqueça”, Até já sei o que é, e acredite, em todos os nossos encontros, você não vai esquecer de me lembrar disso, “Mas faço questão de falar”, Fale, “Coloque aí, por favor, essa invencionice que a gente nem sabe direito o que é, escreva aí: tudo isso é só uma conversa entre dois amigos, dois escritores, uma véia e um novinho. Escreva pra que fique claro: em hipótese alguma, isso é uma biografia. Isso não é uma biografia”, Que treta é essa com biografias?, “Não acredito em biografia. Nem em autobiografia. Escreva aí”, Não precisa, você mesma escreveu e foi bem enfática, “Perfeito. Isso vai servir a quem interessa”, Daqui a dez anos a gente conversa de novo, você repensa, e se mudar de ideia, pode me chamar que faço tua biografia por encomenda, com todo prazer, “Pode parar. Não quero. Daqui a dez anos, vou estar é morta”.

Uma última coisa, Valéria, antes da gente arrancar de vez, deixa eu só situar quem está lendo essa conversa de jardim, “Olha aí um título excelente, *Conversa de Jardim*. Nada formal. Estou fugindo de formalidades”, *Conversa de Jardim*, quem tiver lendo, preste bem atenção, não tente imaginar um jardim normal, imagine assim, eu e Valéria, sentados em cadeiras brancas de metal, uma mesa

também de ferro entre a gente, distância pequena, nem um metro entre eu e Valéria, imagine que a gente tá bem no meio desse jardim incomum, não incomum como esses jardins estilizados, idealizados do zero, encomendados a algum arquiteto, “E encomendam jardim?”, Se não, encomendam até biografias, imagina jardins, “O meu jardim, cada plantinha foi se chegando e encontrando, do jeito dela, o seu lugar. Fala do mandacaru”, Claro, mandacarus quase florescidos, três ou quatro pés de jasmim, coqueiro, palmeira, pitangueira, “Muito capim crescido”, E olha que legal, pés de rosa e pés de macaxeira se permitem compartilhar pequenos metros quadrados de maneira harmoniosa, “Nem sempre”, Esse jardim reflete bem a tua personalidade, Valéria, “Não faço muita coisa, só deixo ele ser como é, mas têm as amigas daqui que cuidam”, Pois, por isso minha comparação, né?, e então, posso fechar o capítulo?, “Não me azucrine com essas besteiras, o piloto dessa conversa é você. Manda ver nessa nave”.

II – DESPASSARAR

Valéria, vou me guiar meio que o tempo todo tendo você como foco, porque é um jeito de, “Não existe foco em conversa”.

Então, e o romance, aquele novo que você falou pra mim que tinha começado a escrever, em que pé tá?, “Estou imersa nele. Tenho prazo até outubro. Acho quase impossível entregar nessa data”, E título, já tem título?, “Provisório, quase definitivo. *Outros Cantos*”, Excelente, tem tudo a ver com a história da personagem, na outra vez você falou que tava emperrada, “Olha, está saindo. O fato de eu ter visto muito dos contextos em que ela viveu e dos itinerários que lhe emprestei me ajuda bastante. Estou gostando cada vez mais dele. Às vezes dou pra uma pessoa ou outra ler. Não dou pra muita gente, não, porque acabo me atrapalhando”.

Sim, finalmente li *Outros Cantos*, terminei domingo, já era tempo, faz mais de seis meses que esse livro foi lançado, deve tá vendendo como água, “Estão gostando, parece. Depois do Jabuti, já viu, né? É aquele alarde. A Alfaguara teve que reimprimir *Quarenta Dias* e terminou sendo bom porque apressou o lançamento de *Outros Cantos*. É aquela história: todo mundo agora quer saber quem é essa freira, o que essa freira tem a dizer”, A freira que fuma, “Nem me fale. Espera, ainda não assimilei esse negócio de ir e vir nos anos, menino. Agorinha eu falava pra você que ainda estava arrancando na escrita de *Outros Cantos* e agora já faz seis meses que lancei. Que confusão, Betinho”, Agorinha é diferente de agora, agorinha a gente tava em dois mil e catorze, agora a gente tá em dois mil e dezesseis, “Ah”, Logo você se acostuma com esses saltos temporais, e pra facilitar, vê só, só vou pular no tempo quando

mudar de parágrafo, beleza?, “Que complicação, menino”, Vá por mim, tem errada não, quando eu apertar enter, pode ser que no parágrafo novo a gente já teja noutro momento, pra frente ou pra trás, “Era pra ter dito isso antes”, Você já foi dizendo que ia ser sopa, aí eu, “E vai ser. Ah, outra coisa, meu filho, para com essas metalinguagens. No começo soa até engraçadinho, mas depois... Não tenho paciência pra ler um livro todo com esse tipo de brincadeira”, Deixe comigo.

Por falar em livro, tou com o *Quarenta Dias* aqui, comprei mês passado no teu lançamento, tenho paciência de enfrentar fila não, e você demora demais falando com cada um, eu sei que é bom dar atenção, né, mas, “Sempre fui assim, posso demorar a atender, mas se ficar na fila, com certeza vai poder falar comigo. Não gosto de deixar quem me procura sem retorno. Se alguém vai num lançamento de um livro meu, compra o livro e fica numa fila, no mínimo tenho que prosear um bocadinho. É indelicado assinar e pedir licença pra fila correr. Mas então, cadê o livro?”, Toma, faz uma dedicatória bonitinha aí pra mim, “É bonzinho esse livro, gosto dele. Preciso reler”, Vi que tão falando dele, um monte de resenha, só elogio, esse livro tem tudo pra levar os prêmios no fim do ano, “Esse ano não, só concorre ano que vem”, Então, dois mil e quinze vai ser o teu ano, “a freira que desbancou Chico Buarque”, que tal a manchete?, “Tá brincando!”, Pera, vou aproveitar pra tirar umas fotos, finge que tá assinando, “Está fotografando o lençol no varal? Não vá me fazer passar vergonha”, Não, tou te pegando de close, olha, ficou massa essa, “Gostei. Olha só minhas rugas. Fiquei com cara de despassarada”, Despassarada, nunca ouvi essa palavra, “Conheci essa porque há muito tempo convivo com portugueses. E achava linda essa palavra. Aí o meu editor duvidava da validade da palavra que não achava em nenhum dicionário. Mas, por sorte, encontrei um relato de Lygia Fagundes Telles sobre uma viagem na qual ela passou em Portugal e escrevia “despassarada”.

III – ESCREVER ANTES DE DORMIR E DEPOIS DE ACORDAR

Quando não tenho nada pra fazer, é normal eu esticar o sono até dez, onze, o limite é meio-dia, maioria das vezes é por pura preguiça, “E tuas aulas?”, Peço nas coordenações pra botar tudo pra depois do almoço, “Coisa boa é ser professor universitário”, Tinha que ter algo de bom, né?, porque professor sofre, “Não diga nem por brincadeira, menino. O que tem de gente que sofre pra receber um salário que nem é mínimo. Se você for aí nos interiores, vai ver a realidade”, Sei disso, Valéria, até entrar na universidade você sabe que eu fazia parte dessa realidade, “Mesmo assim não fique falando isso por aí. As pessoas não conhecem a tua história e podem ter uma má primeira impressão tua”, Mas sobre isso não tem pra onde correr, sempre vão criar um personagem que não sou eu, e só me interessa saber o que as pessoas que me interessam acham de mim, o resto, podem achar o que quiser, “Se eu não te conhecesse”, Mas conhece.

Mas voltando, tenho o maior pavor em acordar cedo, e você, Valéria?, uma, duas da manhã, todo dia é desse jeito, as bolinhas verdes do online do Facebook vão se apagando, tudo offline, aí, no meio dos gatos pingados, a tua bolinha verde fica lá, firme e forte acesa, dormir tarde, eu sei que que você dorme, mas acordar, você acorda de que horas?, “Cedo. Mas também, acontece que esqueço o computador ligado e fica tudo verde pros outros... e eu dormindo! Nem que eu quisesse eu poderia dormir até tarde. Você tem essa regalia. Homem fica dormindo e deixa tudo nas costas das mulheres”, Interessante, li um texto que dizia que as pessoas tratam diferente homens e mulheres que gostam de dormir muito,

“A mulher que dormir mais um pouquinho é taxada de preguiçosa, né? Até tem dia que eu poderia dormir mais, mas muita gente precisa dessa velhinha. Hoje, por exemplo, acordei de sete horas. Nunca passo disso”, Dizem que o bom de ser velho é que se dorme pouco, “Tinha que ter algo de bom pra nós velhinhos, né?”.

Você tem hora pra escrever?, “Tento manter alguma rotina, mas muda muito, escrevo quando me deixam, e cada vez estão precisando mais de mim. Hoje acordei e reli o que escrevi ontem às três horas da madrugada”, Uma segunda demão?, “Em geral não mexo muito, já tento deixar quase pronto de primeira”, Quem dera que comigo fosse assim, essa conversa da gente mesmo, vou precisar mexer tanto pra ficar apresentável, “Mas veja, eu tenho setenta e dois anos quase. Não tenho anos e anos pra ficar arrumando. É nada feito conscientemente. Assim, sem querer tapar o sol com a peneira, posso morrer a qualquer hora, já tive um infarto. Então quero deixar minhas coisas do jeito que estão. No mínimo quase prontas. Tenho que me resguardar, porque vejo coisas por aí que os herdeiros fazem, publicam rascunhão mal-acabado. Deixar rascunhão mal-acabado não vou deixar”, Mas depois você dá aquele polimento?, tenho um costume de mandar o livro pra um monte de amigo fazer a leitura final, gosto de chamar eles de leitores beta, “Claro que com tudo pronto, dou vários polimentos. Aí escolho duas ou três pessoas e envio. Também mando à medida que vou escrevendo”, Ah, tem gente que acompanha o teu processo de escrita?, “Sim. Sempre. Especialmente meu amigo-irmão-crítico Alfredo Monte, em quem confio muitíssimo e não tem medo de apontar os defeitos, e às vezes até de repensar e voltar atrás! Talvez o único crítico que já vi se autocriticar! Gosto do que eles me retornam. Uma volta que diz: vai, está bom, vai em frente. Esse vai-em-frente, preciso receber de outro. Não sou autossuficiente nesse ponto, de jeito nenhum”, Faço isso também, dá um prazer esse retorno, “Me sinto realizada, algumas sugestões são ótimas”, As sugestões, aceito quase todas, mas tem certas sinucas, vixe, Valéria,

o que você faz quando duas ou três pessoas dão opiniões divergentes sobre algum ponto do texto?, comigo, isso me deixa com um sentimento de cão de muitos donos, “Penso, avalio e decido... afinal a responsabilidade é minha e faço questão de escrever com sinceridade e não ajeitar as coisas com medo da crítica... sentiria isso como uma submissão que não quero pra mim”.

“Pera, deixa eu reforçar o que disse noutra vez”, O microfone é seu, “Não lembro bem, mas você que me perguntou se eu já tinha escrito algo antes de você chegar aqui”, Foi isso, “Todo dia, logo quando acordo, eu releio as últimas páginas que escrevi na véspera. Que não é tanto pra corrigir. Às vezes até vou corrigir uma coisinha ou outra, mas é pra me recolocar, pra eu não sair daquele mundo, senão a volta é muito custosa. Agora ultimamente estou escrevendo entre meia-noite e duas, três da manhã. E às vezes não sai mais que uma página. Minha mente ultimamente está nessa, escrever antes de dormir e depois de acordar. E a tua mente de físico, Beto? Deve ser curiosa a maneira como tua mente processa. Nesse ritmo tão intenso que você tem. Fala um pouquinho, é legal pra quem”, Ixi, se eu começar a tentar explicar como funciona minha cabeça, nem sei quando vou conseguir parar, “Para de fazer charme, menino. O povo quer saber de você também. Como funciona essa tua mente hiperativa. E agradeça a teus pais por te manterem longe da Ritalina, por preservar essa coisa que você tem que é tão especial”, Minha doidice?, “Que doidice?”, Quer ouvir mesmo?, ou sugeriu por educação?

